



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Sangue menstrual e magia amatória: concepções e práticas históricas

Andressa Furlan Ferreira¹

Resumo: Muito conjecturou-se sobre a menstruação em sociedades passadas, quando o funcionamento do corpo humano era ainda misterioso. Com frequência, o sangue menstrual foi interpretado como um fluido impuro, tornando-se um tabu em muitas culturas. Apesar disso, praticantes de magia incluíram-no em rituais como um fluido poderoso, especialmente favorável à atração amorosa (mas não somente). Com base em fontes europeias em sua maioria, este artigo aponta perspectivas sobre como a menstruação e o sangue menstrual foram compreendidos e interpretados historicamente, em especial no que tange ao imaginário e à cultura mágica. A partir de discursos médicos e religiosos da Europa Pré-Industrial sobre menstruação, é possível identificar que, entre as crenças seculares, o sangue menstrual era considerado uma substância poluente, mas, de acordo com o imaginário e o pensamento mágico, também era considerado capaz de causar atração.

Palavras-chave: menstruação; magia; imaginário.

Abstract: Much has been conjectured about menstruation in past societies, when the working of the human body was then mysterious. Oftentimes the menstrual fluid was interpreted as impure, becoming a taboo in many cultures. Despite this, magic practitioners have included it in their rituals as a powerful fluid, especially favorable in love matters (though not only). Based on European sources in the majority, this paper points out perspectives concerning how menstruation and menstrual fluid were historically comprehended and interpreted, especially with regard to the imaginary and magic culture. From preindustrial European medical and religious discourses with reference to menstruation, it is possible to identify that, among secular beliefs, menstrual fluid was considered a polluting substance, but, according to the imaginary and magic thought, it was also considered to be able to cause attraction.

Keywords: menstruation; magic; imaginary.

Introdução

Em períodos nos quais o funcionamento do corpo humano era pouco desmistificado, a menstruação era um fenômeno por vezes temido ou intrigante. Inúmeras religiões consideraram o sangue menstrual um tabu, sendo frequente sua associação à impureza. Em decorrência disso, a mulher menstruada deveria entrar em algum nível de reclusão, por se encontrar em um estado considerado impuro. No islamismo sunita, por exemplo, impõem-se restrições de culto à mulher durante seu período menstrual.² Algumas escrituras judaicas e cristãs também censuravam práticas sexuais com uma mulher menstruada.³

¹ Mestra em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: andressafurlan@yahoo.com.br

² Cf. Sahih al-Bukhari vol. 1, livro 6, 301; vol. 1, livro 8, 347.

³ Cf. Lv 15:19-32.

Praticantes de magia — operantes em vários níveis sociais e históricos —, por sua vez, tendiam a encarar o sangue menstrual como um fluido poderoso, utilizado especialmente (mas não de modo exclusivo) em feitiços de atração amorosa. Per Binde (1999, p. 85), professor da Universidade de Gotemburgo, em sua pesquisa sobre crenças e práticas acerca da vitalidade no Sul da Itália, afirma que o sangue menstrual era amplamente usado por mulheres como um ingrediente em “poções do amor” e que tais poções poderiam ser usadas para atrair, como também para manter a fidelidade de um homem.⁴

Este artigo almeja analisar como a menstruação e o sangue menstrual foram compreendidos e interpretados historicamente, com ênfase no imaginário e na cultura mágica. Por “imaginário”, tem-se o conceito ilustrado por Barros (2005, sem paginação), de acordo com o qual este é “um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas”.

Abordar crenças no que tange ao fenômeno menstrual e suas influências culturais implica adentrar uma vasta e complexa área de estudos. Neste artigo, somente alguns aspectos do tema no contexto europeu serão ilustrados, e de forma breve. Assim, não serão abordados casos de “menstruação” em homens⁵ (cf. POMATA, 2001) nem em judeus⁶ (cf. FELDMAN, 2013), tampouco problemas de gênero e sangue na literatura medieval, conforme discorre o trabalho da historiadora Peggy McCracken (2003). Discussões sobre obras literárias medievais que envolvem poções de amor (cf. SAUNDERS, 2010) também não serão abordadas.

Os antropólogos Thomas Buckley e Alma Gottlieb (1988, p. 24) propuseram que todo tabu envolve uma fundação espiritual ou mística e que os tabus menstruais devem ser

⁴ “menstrual blood was widely used by women as an ingredient in love potions. [...] This use could be of great importance in a girl’s aspirations to attract a partner of her liking, in a society where marriages were often pre-arranged by the parents. Such potions could also be used in a wife’s efforts to maintain the fidelity of her husband.” (BINDE, 1999, p. 85)

⁵ Entre os profissionais que consideravam a perda de sangue pela genitália masculina como uma forma de menstruação, tem-se dois anatomistas proeminentes do século XVI e XVII: Thomas Bartholin e Andreas Vesalius (POMATA, 2001, p. 111). Em alguns casos, a hemorroida era confundida com o fenômeno da menstruação. Gianna Pomata (2001, p. 116) aponta que descrições de casos de homens menstruados são mais frequentemente encontradas em observações do século XVII.

⁶ “Os judeus eram categorizados como frágeis, de personalidade fleumática e assemelhados às mulheres. Em virtude desta fragilidade, os médicos cristãos consideravam que os judeus sangravam de maneira geral, e especificamente no período da Quaresma. Essa sangria era consequência do pecado judaico, na morte de Jesus. [...] A junção das teorias medicinais medievais com os mitos antijudaicos criou uma mescla de folclore com ciência que enfatizava o caráter efeminado dos judeus” (FELDMAN, 2013, s.p.). Especificamente, autores como Caesarius de Heisterbach (séc. XII–XIII), Thomas de Cantimpré (séc. XIII), Hugo de Saint-Cher (séc. XIII), Johannes Balbus (séc. XIII) e Bernard Gordon (séc. XIII–XIV) contribuíram para a propagação do mito da menstruação em homens judeus.

abordados em seus devidos contextos, já que se caracterizam como construções culturais.⁷ A partir disso, registros históricos, discursos médicos e religiosos, provenientes da Europa Pré-Industrial, serão abordados em conjunto com a literatura crítica a fim de se analisar o imaginário em relação à menstruação. Antes, porém, faz-se necessário definir o conceito de menstruação que será trabalhado, bem como realizar algumas observações sobre as fontes primárias.

Concepções históricas de menstruação e do sangue menstrual

Para investigar concepções históricas acerca da menstruação, é necessário que o atual entendimento científico de menstruação seja desconstruído — ou seja, menstruação não será entendida como o processo da descamação do endométrio entre ovulações sucessivas e perda desse material pela vagina, quando não houver fecundação do óvulo. Consoante com as acepções medievais mais simples, por exemplo, tem-se que a menstruação: 1) envolve o sangramento periódico do órgão genital, que comumente ocorre nas mulheres, mas que também pode vir a ocorrer em alguns homens (especialmente judeus); e 2) está relacionada com a saúde e a fertilidade da mulher.

Francesca Matteoni (2009), em sua tese de doutorado sobre as crenças europeias acerca do sangue no início da Europa Moderna, afirma que fontes primárias medievais — tais como panfletos, julgamentos de feitiçaria e tratados médicos — frequentemente são parciais em sua narração. Segundo a autora, tais escritos concedem somente a perspectiva dos narradores, de acordo com suas experiências. No caso dos tratados médicos, a descrição de práticas medicinais populares, como o ofício das curandeiras, era raramente incluída, já que, em certos períodos tais práticas eram proibidas. Portanto, é preciso reconhecer a parcialidade característica dos tratados médicos que discorrem sobre a saúde feminina, uma vez que às mulheres foi negado o direito de exercer a medicina institucionalizada (exceto na Itália; lá temos a figura histórica de Trota de Salerno, inclusive), conforme esclarecem os artigos de Alicia Crespo (1994) e de Cybele Almeida (2009).

Devido às teorias de funcionamento do corpo vigentes na Europa desde a Antiguidade, a menstruação no período medieval era entendida como um fluido sujo, e sua retenção estava

⁷ “When stated as taboos they must have some kind of spiritual or mystical foundation that is apart from any practical effects that might be their by-product. [...] menstrual taboos are cultural constructions and must first be approached as such—symbolic, arbitrary, contextualized, and potentially multivalent whose meanings emerge only within the contexts of the fields of representations in which they exist.” (BUCKLEY; GOTTLIEB, 1988, p. 24)

associada à causa de enfermidades, tais como afecções cutâneas, palpitação, sufocamento, câncer de mama e até mesmo morte (GREEN, 2005, p. 54).⁸ A menstruação também era intrinsecamente relacionada à vida sexual da mulher, tendo em vista que a menarca demarcava uma nova fase na vida da jovem, propiciando seu corpo para conceber e inserindo-a na sociedade como uma mulher em vez de criança. Por terem associado a menstruação a um pré-requisito para a gravidez, era comum que tratados medicinais apresentassem medidas para provocar o sangramento, o que apontava para outra faceta desse fenômeno: a tão desejada fertilidade.

Entretanto, a eliminação do sangue menstrual — mesmo que biologicamente involuntária, natural e saudável à manutenção do corpo do sexo feminino — era vista principalmente como uma violação aos limites corporais, de forma a relegar a mulher a uma condição marginalizada, senão suspeita (MATTEONI, 2009, p. 138-139).⁹ Isso promoveu um caráter discriminatório para a figura feminina, além de fortalecer o olhar recriminador para práticas mágicas que envolvessem sangue menstrual.

Um dos valores suscitados pela menstruação na sociedade medieval remete a um empoderamento¹⁰, pois, ainda que as causas biológicas do fenômeno menstrual não fossem completamente entendidas, sabia-se do seu vínculo com a concepção de vida. O fato de a menstruação apresentar-se como pré-requisito para gravidez garantiu às mulheres o prestígio de perpetuação da linhagem.

A historiadora Monica Green (2005), em artigo sobre menstruação na Europa Ocidental medieval, destaca que a menstruação era um símbolo de distinção feminina, a qual determinava tanto a fecundidade quanto o físico feminino. Além disso, por ser considerada indispensável para o bom funcionamento do corpo da mulher, a menstruação era por vezes desejada, o que pode ser comprovado por meio de tratados médicos que disponibilizavam diversos métodos e receitas que provocavam o sangramento em situações quando ele não ocorresse espontaneamente.

⁸ “Precisely because menstruation was seen as a physiological function of the whole female body, its disruption (particularly its retention) was seen as the cause (and not as merely the symptom) of a whole range of other disorders, from skin conditions to breast cancer, heart palpitations, suffocation, and even death.” (GREEN, 2005, p. 54)

⁹ “Blood was primarily seen as an exceptional object, violating the bodily boundaries, and placing women on a marginal, sometimes suspicious area.” (MATTEONI, 2009, p. 138-139)

¹⁰ “Empoderamento” é uma tradução do termo em inglês *empowerment*. Segundo Keshab Chandra Mandal (2013, p. 18), “[t]he word was first used in the 17th century and has meanings like ‘authorize’, ‘delegate’, or ‘enable’. [...] it implies the transfer of power in a dynamic way over a period of time. [...] The term empowerment is a multidimensional social process and it helps people gain control over their own lives. Further, it can be called as a process that fosters power in people for use in their own lives, their communities and in their society, by acting on issues they think as important”.

Entretanto, a menstruação nem sempre era entendida como um diferencial de caráter positivo; pelo contrário, conotações negativas imperavam com frequência. Uma perspectiva danosa que se fez bastante popular na Europa Medieval remete à uma teoria da medicina da Grécia Antiga. Elaborada pelo médico grego Hipócrates (460 a.C. – 377 a.C.), a teoria humoral — também conhecida como teoria dos quatro humores — relaciona a manutenção da saúde com o equilíbrio entre quatro fluidos corporais (sangue, bile amarela, bile negra e fleuma).¹¹ O fluxo menstrual seria constituído de fluidos prejudiciais, expelidos após a fermentação do sangue. A menstruação, portanto, seria um fluido sujo, resultado de um processo de purificação corporal.

Essa teoria vigorou durante toda a Idade Média e contribuiu de maneira significativa para o entendimento medieval do fenômeno menstrual. Atribuindo um caráter perigoso à menstruação, é possível que tenha permeado o pensamento popular medieval. Em conjunto com tal teoria, discursos religiosos reforçaram o tabu da menstruação. O contato com o sangue menstrual, por ser considerado ameaçador ou proibido, era evitado ao máximo, até mesmo por mulheres grávidas ou lactantes, pois, segundo Matteoni (2003, p. 23; 200), acreditava-se que o processo de lactação poderia ser arruinado ou interrompido por uma mulher menstruada.

A relação entre a amamentação e o sangue menstrual revela outra perspectiva sobre o sangue no corpo da mulher. O leite materno, considerado na época uma conversão do sangue para alimentar o recém-nascido¹², seria bom, puro, ao passo que o sangue menstrual seria poluído (assim como o sangue expelido no nascimento do bebê). Duas teorias da Antiguidade — a aristotélica e a galena — destacam-se pela relação do sangue com o período gestacional e discorrem sobre a formação do feto e a nutrição do bebê.

Para Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), o sangue menstrual seria a contribuição materna na reprodução humana, pois ele forneceria parte da matéria na qual o embrião se

¹¹ Christos Yapijakis (2009, p. 508), professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Atenas, discorre que Hipócrates fundamentou a medicina na ideia filosófica de que a Natureza era feita de quatro elementos: água, terra, ar e fogo, de acordo com o filósofo pitagórico Empédocles (493 a.C. – 433 a.C.). Segundo Joffre Marcondes de Rezende (2009, p. 50), “[a] transposição da estrutura quaternária universal para o campo da biologia deu origem à concepção dos quatro humores do corpo humano. O conceito de humor (*khymós*, em grego), na escola hipocrática, era de uma substância existente no organismo, necessária à manutenção da vida e da saúde. Inicialmente, fala-se em número indeterminado de humores. Posteriormente, verifica-se a tendência de simplificação, reduzindo-se o número de humores para quatro, [...] conforme se lê no livro *Peri physion anthropoy* (*Da Natureza do Homem*)”.

¹² Iain M. Lonie (1981) explica que, de acordo com Aristóteles, o leite seria uma forma composta de resíduos do sangue menstrual: “According to Aristotle, milk is a concocted form of the residue of menstrual blood. When the embryo is fully articulated, although it continues to grow, its rate of growth slows down, and it requires a correspondingly smaller amount of nutriment, which is formed from menstrual blood. A surplus of menstrual blood is therefore collected, and this flows to the breasts which Aristotle, like the author of *Genit.*, believes to be connected by vessels to the womb. There, it is concocted and sweetened into milk.” (LONIE, 1981, p. 204).

desenvolveria (GREEN, 2005, p. 58).¹³ Essa teoria pode ser encontrada em *De Generatione Animalium* (Da Geração dos Animais)¹⁴ e, de acordo com ela, a mulher não teria um papel ativo na fecundação, somente o homem. Além disso, o autor também defende que o sangue menstrual seria residual.

Para Galeno de Pérgamo (129 d.C. – c. 200), médico do Período Romano, o embrião seria gerado a partir de duas “sementes”, uma feminina e outra masculina, sendo que a masculina seria o sêmen e a feminina seria o sangue, que, por sua vez, deixaria de ser menstrual e passaria a constituir e também alimentar o feto. Diferentemente de Aristóteles, Galeno afirmou que as mulheres também emitem uma “semente” e atingem orgasmo (STENSVOLD, 2015, p. 21).¹⁵

Junto às crenças medievais pertinentes à menstruação e à gestação, há também uma problemática de cunho sexual. Monica Green (2005, p. 59) ressalta que, na Idade Média, as religiões monoteístas — judaísmo, islamismo e cristianismo — associavam a origem da menstruação ao pecado original de Eva e compartilhavam a crença de que uma mulher menstruada estaria impura para rituais religiosos e práticas sexuais.

No que concerne à abstinência sexual durante a menstruação, o tratado ginecológico *Secreta Mulierum* (do latim, Os segredos das mulheres), produzido entre o final do século XIII e início do XIV, e erroneamente atribuído a Alberto Magno¹⁶, adverte que, se uma mulher concebesse durante seu período menstrual, o veneno do fluido poderia afetar o feto, de modo a causar-lhe lepra, epilepsia ou deformidades. A abstinência sexual também se estendia para mulheres que amamentavam, já que, caso a lactante engravidasse, seu leite seria redirecionado para o novo feto em forma de sangue, impedindo que alimentasse o recém-nascido.

No pensamento medieval, segundo Le Goff (1988), o corpo ocupa um lugar central,

¹³ “For Aristotle, the menstrual blood itself was the sole maternal contribution to reproduction: it was the 'matter' on which the 'form' of the new embryo was imprinted by the male seed.” (GREEN, 2005, p. 58)

¹⁴ “it is plain that the contribution which the female makes to generation is the *matter* used therein, that this is to be found in the substance constituting the menstrual fluid, and finally that the menstrual fluid is a residue.” (ARISTOTLE, *Generation of Animals*, I, XIX, 1943, p. 101). Para o aprofundamento acerca das teorias hipocráticas e aristotélicas sobre menstruação e o corpo feminino, cf. DEAN-JONES (1989) e KING (1998).

¹⁵ “Galen challenged Aristotle’s theory of human sexuality and procreation in several respects, the most important being that he maintained that women, like men, emit seed and have orgasm. [...] According to Galen, the mother’s seed was not different from the father’s in form and function, and both parents contributed to the body as well as the soul or mind of the child.” (STENSVOLD, 2015, p. 21)

¹⁶ “Although many manuscripts and editions name Albertus as the author, Lynn Thorndike has shown that the *Secrets of Women* is partly drawn from his genuine writings and partly modeled, somewhat faultily, after them.” (LEMAY, 1992, p.1)

tendo sido moldado pela imaginação, simbolismo e ideologia da época.¹⁷ A analogia corporal é frequentemente evocada no âmbito da magia, e, historicamente, é comum a crença de que a ingestão de certos fluidos seja uma forma de persuadir a vontade amorosa de um indivíduo, subjugando-o a favor de quem prepara a poção ou pede para que ela seja preparada. De acordo com Van Gent (2009, p. 89), a magia, tanto em sua forma maléfica quanto benéfica, atuava sobre o corpo.¹⁸ Para a prática mágica que almeja uma conquista amorosa, dá-se o nome de magia amatória.

Práticas mágicas com sangue menstrual

Usar o sangue menstrual para finalidades mágicas remonta a um longo período histórico. Delaney, Lupton e Toth (1988, p. 11) comentam que na Antiguidade as mulheres desempenhavam papéis centrais nos ritos de fertilidade de Deméter e Dionísio devido à fecundidade inerente ao corpo feminino.¹⁹ Os trabalhos de Nilsson (1940), Aubert (1989) e Zadoks (2013) corroboram com essa perspectiva, expondo alguns aspectos do imaginário dessas sociedades agrárias antigas da região sul europeia.

Em capítulo sobre os costumes e festivais rurais da religiosidade grega antiga, Nilsson (1940, p. 29) menciona que ritos mágicos são abundantes em escritos sobre agricultura e que tais ritos visavam a uma boa colheita. O seguinte ritual, abordado brevemente pelo autor, concerne ao tema da menstruação associada a propriedades mágicas: a caminhada de uma mulher nua e virgem ou menstruada sobre campos ou jardins para exterminar pragas²⁰. Esse tipo de magia agrária permite identificar o sentido destrutivo que tal cultura imprimia no sangue menstrual, já que este seria capaz não somente de estragar plantas e frutas (ZADOKS, 2013, p. 207), mas também de exterminar insetos que danificavam plantações.

Aubert (1989) retoma parte do que foi tratado por Nilsson (1940) ao afirmar que vários autores antigos, interessados em agricultura e história natural, registraram exemplos de práticas mágicas nas quais o sangue menstrual exercia um papel essencial.²¹ Zadoks (2013),

¹⁷ “Shaped by the imagination (as well as by symbolism and ideology), the body occupies a central place in the medieval system of thought.” (LE GOFF, 1988, p. 14)

¹⁸ “Magic, in both its malevolent and benign forms, worked upon the body.” (VAN GENT, 2009, p. 89)

¹⁹ “women played key roles in the fertility rites of Demeter and Dionysus, in myth and in actuality. Women's success in agricultural labors was probably attributed to their obvious fecundity and was thought to be, like the power of childbearing, inherent in their sex.” (DELANEY; LUPTON; TOTH, 1988, p. 11)

²⁰ “a kind of magic prescribed for destroying vermin, which required that a nude virgin or a menstruating woman should walk about in the fields or gardens” (NILSSON, 1940, p. 29)

²¹ “Several ancient writers interested in agriculture and natural history record instances of magical practices in which menstrual blood plays an essential part” (AUBERT, 1989, p. 430-431)

por sua vez, sustenta que a fertilidade da terra era vista como análoga à fertilidade da mulher²², perspectiva que se prolongou até a Idade Média. Embora a preocupação com o sucesso da agricultura também concernisse à sociedade medieval, práticas mágicas com sangue menstrual passaram do campo agrário para o âmbito particular, bastante associado ao universo feminino e suas aspirações amorosas.

A manipulação mágica com sangue menstrual no contexto da Idade Média guia-se por uma concepção de mundo holística entre os seres e o cosmos, caracterizada por um “sentimento de continuidade” (LE BRETON, 2012, p. 49), permitindo, assim, que o pensamento analógico prevalecesse. As práticas mágicas consistem de um ritual para alcançar um determinado resultado (a influência ou a mudança em um dado meio)²³. Tais práticas fizeram-se problemáticas diante das autoridades clericais no período medieval e moderno, levando seus/suas praticantes a julgamento e à condenação.

Com frequência, o pensamento mágico teve seu espaço em religiões e ações humanas. Esse tipo de pensamento pauta-se pelo desejo de influenciar ou alterar algum meio e sustenta-se pelo raciocínio analógico, que estabelece relações de correspondência entre coisas distintas. A própria manipulação de substâncias para provocar atração amorosa é um exemplo disso. O pensamento mágico, portanto, envolve o pensamento analógico e desempenha uma das bases para a feitiçaria.

Quanto ao pensamento analógico, trata-se de um “pensamento indutivo, comparativista e intuitivo, que automática e espontaneamente constitui uma malha de conexões afetivas considerada capaz de exprimir e explicar a integralidade do mundo”, conforme uma das definições propostas por Hilário Franco Jr. (2008, s.p.). Ainda segundo o mesmo autor, “[n]a Europa medieval, a visão analógica de mundo estava presente tanto na cultura erudita quanto na vulgar” (FRANCO JR., 2008, s.p.).

A continuidade da visão analógica de mundo pode ser atestada por práticas mágicas que sucederam ao período histórico da Idade Média. Por exemplo, ordens e vertentes do esoterismo ocidental que se desenvolveram no decorrer dos séculos XIX e XX, como a *Hermetic Order of the Golden Dawn* (Ordem Hermética da Aurora Dourada) e a *Astrum Argentum* (A.:A.), promoveram o uso do sangue menstrual em rituais de magia sexual.

Segundo Ramalho,

²² “Of old, the fertility of the earth and the fertility of the women were seen as analogues” (ZADOKS, 2013, p. 207)

²³ Para essa definição, utilizou-se o sentido moderno de aspectos mágicos, evidenciado por Saunders (2010, p. 7): “the use of rituals (often occult, drawing on natural or supernatural forces) to influence events or to change nature”.

Outra prática da magia sexual de [Aleister] Crowley [fundador da *Astrum Argentum*] era o consumo sacramental do *Elixir*, uma mistura dos fluidos sexuais masculino e feminino. O Elixir também poderia ser usado para ungir objetos, como talismãs, e aqui eram usados não só o esperma e lubrificação vaginal, mas também a **menstruação**, ou o sangue e as fezes da relação anal. (RAMALHO, 2016, p. 246. Grifo nosso.)

A respeito do uso histórico do sangue menstrual em práticas mágicas, é notável sua finalidade para conquista amorosa. Encontram-se referências a “poções do amor” com sangue menstrual em regiões variadas, como na Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Romênia, Rússia, Suécia, entre outras. Especificamente, há casos como o de Béatrice de Planissoles, Veronica Cattanea e Paolina de Rossi.

Béatrice de Planissoles foi uma mulher francesa de origem nobre do século XIII, acusada e condenada em 1321 por heresia. Determinados eventos de sua vida já despontavam uma relação pouco diplomática com a Igreja (questionamento de doutrinas cristãs e estreita relação com os cátaros). Em 1320, ela foi intimada a submeter-se a dois interrogatórios, sob a suspeita de ter cometido heresia. A acusada compareceu no primeiro interrogatório, mas não no segundo, pois fugiu. No ato de sua prisão, Béatrice carregava pertences pessoais, os quais foram apreendidos como provas materiais²⁴ do que julgaram ser evidências de bruxaria.

No interrogatório transcrito nos registros inquisitoriais do bispo Jacques Fournier (1998, p. 190-209), Béatrice não negou seus pertences e confessou que guardava linho manchado com o sangue menstrual de sua filha Philippa, porque havia recebido orientações de uma judia batizada. Ela teria sido orientada para que misturasse o sangue em uma bebida e entregasse para seu genro beber, pois assim ele nunca mais desejaria outra mulher senão sua filha. Em sua confissão, porém, Béatrice admitiu que não praticou tal ação e acrescentou que não havia tido tempo de que sua filha o realizasse.²⁵

²⁴ “two umbilical cords of infants found in her purse; cloth stained by blood which seemed to be menstrual blood in a leather sack with a [roquette] seed and slightly burned incense grains; a mirror and a small knife wrapped in a piece of linen; the seed of a plant wrapped in muslin; a piece of dried bread which is called ‘tinhol’; a number of written formulas, and pieces of linen.” (FOURNIER, 1998, p. 207)

²⁵ Confissão de Béatrice sobre o linho manchado de sangue menstrual: “These clothes stained with blood are from the menstrual blood of my daughter Philippa and because this baptized Jew had told me that if I kept some of her first blood and that I gave it to her husband or to another man to drink he would never be interested in another woman. This is why, when a long time ago, my daughter Philippa was young and had her first menses, I looked at her face and seeing that she was congested, I asked her what was wrong. She answered that she was bleeding from her vulva. I then remembered the words of this baptized Jew. I cut a piece of the slip of my daughter Philippa which was stained with this blood and since it seemed to me that there was not enough, I gave my daughter another piece of linen ‘blouset’ so that, when she had her period, she could stain and impregnate this cloth. She did this and then I dried the cloth with the intention, when her husband married her, of giving it to him to drink, by extracting it from this cloth that I had stained. Philippa married this year and I had the intention of giving it to her fiancé to drink. But I thought that it would be better to wait until the marriage was

Apesar de Béatrice ter atribuído a transmissão dessa prática a uma mulher judia, não há como assegurar que tal prática teria advindo da cultura popular judaica de fato, visto que a ré pode ter acusado uma figura social já malvista pelas autoridades cristãs para expiar sua culpabilidade na prática mágica. Na enciclopédia sobre mito, magia e misticismo judaicos, de Geoffrey Dennis (2016), tem-se que a *Zohar*²⁶ desenvolve uma dicotomia entre o sangue da circuncisão e o da menstruação; o primeiro simboliza pureza e o segundo, impureza. Dennis acrescenta que os homens judeus temiam o poder do sangue menstrual, cujo fascínio expressava um forte tom misógino.²⁷ Nesse sentido, a perspectiva do cânone literário judaico segue a tendência das religiões abraâmicas de assumir o sangue menstrual como impuro por excelência, o que não parece condizer com seu uso para fins amorosos. Na tentativa de elucidar relações do judaísmo popular com a manipulação de “poções do amor”, nota-se a necessidade de pesquisas recorrerem ao folclore judaico para averiguar até que ponto se estenderia a adesão do povo judeu à crença nas propriedades mágicas do sangue menstrual.

O tipo de poção aludido por Béatrice não foi uma criação particular, tampouco aleatória. Outros casos históricos, como o caso de Veronica Cattanea e de Paolina de Rossi, também confluem nessa prática. A pesquisadora Francesca Matteoni (2009, p. 204) afirma que Veronica Cattanea (veneziana do século XVI) misturou seu sangue menstrual com folhas de beladona (*Atropa belladonna L.*) para despertar o amor de um homem. Paolina de Rossi, por sua vez, foi acusada em 1588 por ter pedido a terceiros que dissolvessem seu sangue menstrual, que havia sido misturado com sálvia (*Salvia officinalis*), no vinho de Gian Battista Giustiniani a fim de que ele se apaixonasse por ela.²⁸

Os casos de Veronica e de Paolina já se situam no que é categorizado como Idade Moderna (para esta, admite-se como marco a segunda metade do século XV). A partir do século XV, o conhecimento intelectual europeu enfrentou uma série de transformações nos

consummated and that it should be Philippa herself who would give it to her husband to drink. And since, when I was arrested, the marriage had not yet been consummated between Philippa and her husband, and that they had not yet celebrated the wedding, I did not give it to him to drink.” (FOURNIER, 1998, p. 207)

²⁶ A *Zohar* é uma coleção de comentários místicos sobre a Torá, produzido na Espanha medieval. Trata-se de uma literatura importante à Cabala, vertente mística do judaísmo. Segundo Daniel Chanan Matt (1983, p. 8), “[b]etween 1280 and 1286 Moses de León produced the main body of the Zohar, a rambling mystical commentary on the Torah containing a number of distinct literary compositions. The language is a pseudo-Aramaic spoken by Rabbi Shim’on and his disciples as they wander through the Galilee exchanging kabbalistic insights. The Zohar refashions the Torah’s narrative into a mystical novel”.

²⁷ “the Zohar develops a dichotomous metaphysic around the symbolism of blood of circumcision (symbolizing purity) and blood of menstruation (symbolizing impurity). [...] Jewish men were particularly in awe of the weird and frightening power of menstrual blood, a fascination with a strongly misogynistic tone” (DENNIS, 2016, s.p.)

²⁸ “In 1588 the courtesan Paolina de Rossi was accused of having asked her servant to put her menstrual blood into the wine of Gian Battista Giustiniani, in order to gain his passion. She mixed it with sage, to make the drink more powerful. [...] Veronica Cattanea mixed her menstrual blood with leaves of belladonna to arouse love in a man” (MATTEONI, 2009, p. 204)

mais diversos níveis — político, social, econômico, religioso, científico. Entre tais mudanças, a dissecação institucionalizada e conseqüente saber anatômico permitiram ao homem desvendar alguns mistérios acerca do funcionamento do corpo humano, o que também alterou sua percepção de mundo, dissociando-o de uma pertença cósmica e dessacralizando a natureza.²⁹

A Revolução Científica, integrante dessas transformações, teve como um de seus expoentes Galileu Galilei (1564–1642), um dos fundadores do pensamento mecanicista, que caracterizou a produção intelectual dos séculos seguintes. No entanto, Le Breton (2012, p. 103) ressalta que: “[a] fratura epistemológica galileana é uma onda de superfície: mesmo se ela perturba a ordem do mundo, as mentalidades populares quase não são afetadas”. Além disso, segundo o mesmo autor, “[n]as camadas populares, a *persona* permanece subordinada a uma totalidade social e cósmica que a ultrapassa” (LE BRETON, 2012, p. 49).

Embora as transformações ulteriores ao século XV alterassem definitivamente o curso da história, a cultura erudita não sobrepujou a cultura popular a ponto de extinguir suas crenças e práticas (mágicas) correspondentes. Independentemente do advento científico, parece que “nas coletividades humanas de tipo tradicional, holista, reina uma espécie de identidade de substância entre o homem e o mundo [...] o mundo não é discernível do homem” (LE BRETON, 2012, p. 44). Essa cosmovisão, aliada ao pensamento mágico, viabilizou práticas mágicas.

Thomas Buckley e Alma Gottlieb (1988, p. 35; 36) ressaltam alguns aspectos positivos que o sangue menstrual detém em algumas culturas devido à sua associação a rituais de fertilidade e a seu uso na manufatura de encantamentos e “poções do amor”.³⁰ Além da concepção do sangue menstrual como poluente e perigoso, há espaço para considerá-lo como um fator atrativo e também necessário para a vida, tendo em vista sua relação com a fertilidade da mulher.

William F. Ryan, especialista em magia na Rússia, pesquisou por trinta anos formas mágicas decorrentes do século V ao XVIII. Em sua obra *The Bathhouse at Midnight – An Historical Survey of Magic and Divination in Russia* (1999, p. 180), ele sustenta que feitiços de amor comumente envolvem: repetição tripla, contato com peças de roupa e, mais caracteristicamente, a ingestão de comida ou bebida enfeitiçadas, podendo conter sangue

²⁹ “O homem, indiscernível de seu enraizamento físico, é percebido em sua inclusão no seio das forças que regem o universo.” (LE BRETON, 2012, p. 49).

³⁰ “Probably the most commonly reported positive use of menstrual blood is in the manufacture of various kinds of love charms and potions.” (BUCKLEY; GOTTLIEB, 1988, p. 35); “the use of menstrual blood in fertility rituals is widespread (and, it would seem, conceptually linked to the use of this substance in love charms)” (ibidem, p. 36)

menstrual.³¹

A relação do sangue menstrual com magia amatória desafia o tempo e o espaço, já que se apresentou em diversas culturas e regiões, desde a França até a Rússia, nos mais diversos períodos históricos. Outra característica que pode ser observada nesse tipo de magia é sua proximidade com bebidas ou refeições. Nas sociedades tradicionais, era comum que o preparo da comida fosse realizado por mulheres, o que pode ter propiciado esse modo específico de atuação mágica. Além disso, a magia amatória que opera com sangue menstrual vigora mais entre mulheres do que entre homens, talvez por se tratar de um recurso mais acessível ao (e menos temido pelo) corpo da mulher.

No século XI, o bispo Burcardo de Worms compilou o *Decretum*, o qual consiste de 20 livros que tratam de leis canônicas. No décimo nono livro, *De Paenitentia*, ele apresenta uma série de situações com diretrizes para eclesiásticos atuarem como “doutores espirituais”. Há vários relatos com relação à manipulação de poções mágicas, mas o interrogatório que mais se destaca no que tange à temática da menstruação encontra-se a seguir:

Have you done what some women are wont to do? They take their menstrual blood, mix it into food or drink, and give it to their men to eat or drink to make them love them more. If you have done this, you should do five years of penance on the appointed fast days.

(SHINNERS, 1997, p. 453)

Você fez o que algumas mulheres estão acostumadas a fazer? Elas pegam seu sangue menstrual, misturam-no na comida ou bebida e entregam para seus maridos consumirem a fim de fazê-los as amarem mais. Se você fez isso, você deveria cumprir cinco anos de penitência nos dias de jejum designados.

(Tradução nossa)

Andrea Vanina Neyra (2010, p. 86), ao tratar de magia erótica com base nessa obra de Worms, aponta que “[g]eneralmente, la mujer era considerada culpable de creer o realizar ritos mágicos para provocar la pasión, el amor, o algún daño al hombre”. A magia amatória também poderia ser praticada por homens — conforme um encantamento da Antiguidade apontado pelo professor Jean-Jacques Aubert, no qual o homem invoca o útero da mulher que deseja a fim de que ela o ame somente³² —, mas, de acordo com a maioria dos registros pesquisados, a preocupação e a manipulação de substâncias para correspondência amorosa

³¹ “Love spells commonly involve triple repetition, often at dawn, contact with items of clothing, and most characteristically of all, the ingestion of bewitched food or drink, as for example food or drink containing menstrual blood” (RYAN, 1999, p. 180)

³² “a man concerned with rejection or sexual misbehavior on the part of his lover might attempt to secure her faithfulness by conjuring her womb, so that it would become accessible to his own semen only, with the result that she would be unable to have intercourse with, conceive, and bear a child for another man” (AUBERT, 1989, p. 426)

mostram-se mais evidentes entre as mulheres.

Séculos após as obras de Burcardo, o alquimista alemão Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486–1535) também aludiu à ideia de que seria possível atrair o amor por meio da manipulação de “substâncias venéreas”, isto é, elementos de natureza sexual, tais como alguns órgãos de determinadas aves e o próprio sangue menstrual³³. Apesar da distância temporal, Burcardo e Agrippa compartilharam um fundo cultural em comum, de acordo com o qual havia relação entre sangue menstrual (ou alguma propriedade sua) e atração amorosa.

O historiador Guido Ruggiero, em estudo sobre magia na Renascença (1993), ressalta que o sangue menstrual era uma parte importante do acervo mágico associado ao corpo e enfatizou que a magia corporal tinha como foco três dimensões: sexual (falo), afetiva (coração) e reprodutiva (órgão genital feminino junto ao sangue menstrual)³⁴. Nesse aspecto, o estudo de Ruggiero permite retomar a menstruação como pré-requisito para a gravidez, mas isso não anula sua proximidade também com a relação sexual e com o desejo amoroso, uma vez que fertilidade, amor e sexo podem confluir na experiência fática da vida feminina inserida nas sociedades históricas. Em apoio à dimensão amorosa, fértil e sexual da magia com sangue menstrual, a historiadora Lynn Mollenauer (2006, p. 86), em seu livro sobre magia na França do século XIV, explana que substâncias como o sangue menstrual eram particularmente favorecidas na magia amatória, e que poções frequentemente eram compostas por uma combinação de substâncias reprodutivas.³⁵

Segundo Mollenauer (2006, p. 57), a cultura popular do início da Idade Moderna encarava o corpo feminino como produtor de uma substância (o sangue menstrual) que era capaz tanto de envenenar quanto de curar. As propriedades ocultas e poderosas que lhe foram atribuídas tornaram o sangue menstrual um dos ingredientes mais usados em magia amatória no início desse período (MOLLENAUER, 2006, p. 57).³⁶ No século XVIII, por exemplo, o

³³ “If therefore we would obtain any property or Vertue, let us seek for such Animals, or such other things whatsoever, in which such a property is in a more eminent manner then in any other thing, and in these let us take that part in which such a property, or Vertue is most vigorous: as if at any time we would promote love, let us seek some Animall which is most loving, of which kind are Pigeons, Turtles, Sparrows, Swallows, Wagtailes: and in these take those members, or parts, in which the Venerall [venereal, i.e. sexual] appetite is most vigorous, such as the heart, testicles, matrix [womb], yard [penis], sperme, and menstrues.” (AGRIPPA, Book I, chapter XV)

³⁴ “The main focuses of body magic were three: one sexual—the phallus; one affective—the heart; and one reproductive—female genitals along with menstrual blood.” (RUGGIERO, 1993, p. 124); “Menstrual blood was an important part of the corpus of magic associated with the body.” (ibidem, p. 244)

³⁵ “Materials such as menstrual blood, associated with fertility, were particularly favored in love magic, and potions were often concocted from a combination of reproductive matter.” (MOLLENAUER, 2006, p. 86)

³⁶ “Even well into the early modern period, popular belief in Europe held that menstrual blood possessed powerful occult powers. [...] in popular culture, not only did women's bodies produce a potentially poisonous substance, but that same material possessed curative properties. Menstrual blood was a pharmakon; it could be

uso do sangue menstrual em magia amatória está documentado em registros dos julgamentos de feitiçaria na Suécia, conforme aponta Jacqueline Van Gent (2009, p. 91).

As práticas mágicas modernas que fazem uso do sangue menstrual revelam uma mentalidade herdada de uma longa tradição histórica, que perpassou a Idade Média e que resistiu ao advento do raciocínio lógico cartesiano na Era Moderna. Mesmo diante da exploração anatômica e o subsequente avanço nas artes médicas, a cultura mágica — entendida aqui como um conjunto de códigos empregados por um grupo social adepto do pensamento mágico e transmitidos por gerações — reforça aspectos do imaginário acerca do sangue menstrual, atribuindo-lhe poder de ação nas esferas afetiva, sexual e fértil. O imaginário em questão envolve um entendimento do corpo feminino construído culturalmente, que teve como base a observação exterior e o raciocínio analógico.

A arqueóloga e antropóloga Laurie Wilkie (2000, p. 131), em pesquisa acerca da sexualidade nas práticas mágicas afro-americanas ao final do século XIX e início do XX, afirma que sangue menstrual, sêmen, urina, cabelo e outros excessos do corpo eram elementos poluentes para o sexo oposto e poderiam ser usados para prejudicar outrem.³⁷ Ainda que seu enfoque tenha sido na América do Norte na Era Moderna, o estudo de Wilkie contribui para apontar a posição diferenciada que o sangue menstrual ocupa no imaginário dos praticantes de magia ou daqueles que creem nesse sistema mágico. Na cultura analisada por Wilkie, a negatividade sobre os fluidos corporais prevalece, frisando o uso do sangue menstrual em magia maleficiente.

Considerações finais

Neste artigo, dois sentidos latos da menstruação e do sangue menstrual foram apreendidos historicamente, sejam no entendimento do corpo feminino, sejam nas práticas mágicas. Por um lado, o sangue menstrual poderia causar prejuízo; por outro, ele agiria como um elemento regulador que compreenderia a fertilidade e a atração amorosa, facilitando-a. Em todos os sentidos, o sangue menstrual é peculiar da intimidade do corpo do sexo feminino, o que acarretava temor e desconfiança nas pessoas do sexo oposto (mas não somente).

Apesar dos estigmas culturais atribuídos ao sangue menstrual, sociedades históricas

both poison and antidote. The powerful properties attributed to menstrual blood made it a favorite ingredient in early modern love magic.” (MOLLENAUER, 2006, p. 57)

³⁷ “Menstrual blood, semen, urine, hair, and other exuvia were polluting elements to the opposite sex and could be used inadvertently or intentionally to cause harm to another person.” (WILKIE, 2000, p. 131)

reconheciam a relação entre a menstruação e a saúde e fertilidade da mulher. Concomitantemente, porém, muitas convergiam na lei moral e religiosa de que não se devia, sob nenhuma hipótese, praticar relações sexuais com uma mulher que estivesse menstruada — em algumas situações, não se devia nem mesmo tocá-las. É possível que os valores conferidos à menstruação e ao sangue menstrual tenham se desenvolvido a partir de complexas concepções em face do então misterioso funcionamento do corpo feminino e de interações entre figuras masculinas e femininas nos campos afetivo, sexual e fértil.

Há uma influência dinâmica significativa entre o pensamento popular e os discursos de autoridades (médicos, juristas e religiosos), posto que vários registros históricos fazem referências às práticas exercidas pelo povo. Frente à incompreensão acerca da atividade biológica da menstruação, sociedades antigas, medievais e modernas intercambiaram impressões e teorias diversas, de modo a incutir uma dicotomia na identidade feminina: o corpo da mulher seria capaz de fornecer vida, mas também poderia provocar destruição.

Referências

- AGRIPPA, Heinrich Cornelius. *Occult Philosophy*, Book I. Translation by J. F. London: Moule, 1651. Disponível em: <<http://www.esotericarchives.com/agrippa/agrippa1.htm>>. Acesso em: 29 maio 2016.
- ALMEIDA, Cybele Crossetti. Do mosteiro à universidade: considerações sobre uma história social da medicina na Idade Média. *Revista Aedos*, v. 2, n. 2, 2009, p. 36-55.
- ARISTOTLE. *Generation of Animals, with an English translation by Arthur Leslie Peck*. Harvard University Press, 1943.
- AUBERT, Jean Jacques. *Threatened Wombs: Aspects of Ancient Uterine Magic*. Greek, Roman and Byzantine Studies, vol. 30, n. 3. Durham: 1989, p. 421-449.
- BARROS, José D'Assunção. Imaginário, Mentalidades e Psico-História – uma discussão historiográfica. *Labirinto – Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário*, ano V, n. 7, 2005. Disponível em: <<http://www.cei.unir.br/artigo71.html>>. Acesso em: 06 maio 2016.
- BINDE, Per. *Bodies of Vital Matter – Notions of Life Force and Transcendence in Traditional Southern Italy*. Gothenburg Studies in Social Anthropology 14. Sweden: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1999.
- BUCKLEY, Thomas; GOTTLIEB, Alma. A Critical Appraisal of Theories of Menstrual Symbolism. In: BUCKLEY, Thomas; GOTTLIEB, Alma (Eds.). *Blood Magic: The Anthropology of Menstruation*. University of California Press, 1988, p. 3-50.

- BURCHARD OF WORMS'S CORRECTOR (c. 1008–12). In: SHINNERS, John Raymond (Ed.). *Medieval Popular Religion, 1000 – 1500: A Reader*. Broadview Press, 1997, p. 441-456.
- CRESPO, Alicia Martínez. Mujer y medicina en la baja Edad Media. *Hispania – Revista española de historia*, vol. 54, n. 186, 1994, p. 37-52.
- DEAN-JONES, Lesley. Menstrual Bleeding according to the Hippocratics and Aristotle. *Transactions of the American Philological Association*, vol. 119. The Johns Hopkins University Press, 1989, p. 177-191.
- DELANEY, Janice; LUPTON, Mary Jane; TOTH, Emily. *The Curse: A Cultural History of Menstruation*. University of Illinois Press, 1988.
- DENNIS, Geoffrey W. *The Encyclopedia of Jewish Myth, Magic, and Mysticism*. 2nd edition. Llewellyn, 2016.
- FELDMAN, Sergio Alberto. Desumanizando o judeu medieval: sangue e pecado. In: CAMPOS, A. P. et al (Org.). *Memórias, traumas e rupturas*. Vitória: LHPL/UFES, 2013, p. 1-15.
- FOURNIER, Jacques. Inquisition Records. In: GEARY, Patrick J. (Ed.). *Readings in Medieval History: The later Middle Ages*. Vol. II, Third Edition. Broadview Press, 1998, p. 190-209.
- FRANCO JR., Hilário. Modelo e imagem: o pensamento analógico medieval. *BUCEMA – Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre*, n. 2, 2008. Disponível em: <<https://cem.revues.org/9152>>. Acesso em: 04 jun 2016.
- GREEN, Monica H. Flowers, Poisons and Men: Menstruation in Medieval Western Europe. In: SHAIL, Andrew; HOWIE, Gillian (Eds.). *Menstruation: A Cultural History*. Palgrave Macmillan, 2005, p. 51-64.
- KING, Helen. *Hippocrates' Woman: Reading the Female Body in Ancient Greece*. New York: Routledge, 1998.
- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e da modernidade*. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- LE GOFF, Jacques. *The Medieval Imagination*. Translated by Arthur Goldhammer. The University of Chicago Press, 1988.
- LEMAY, Helen Rodnite. *Women's secrets: A translation of Pseudo-Albertus Magnus' 'De secretis mulierum' with commentaries*. State University of New York Press, 1992.
- LONIE, Iain Malcolm. *The Hippocratic Treatises, "On Generation," "On the Nature of the Child," "Diseases IV": A Commentary*. Ars medica: Abt. 2, Griech.-latein. Medizin; Bd. 7.

Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1981.

MANDAL, Keshab Chandra. Concept and Types of Women Empowerment. *International Forum of Teaching and Studies*, vol. 9, n. 2, 2013, p. 17-30.

MATT, Daniel Chanan. *Zohar, the Book of Enlightenment*. Translation and Introduction by Daniel Chanan Matt. Preface by Arthur Green. Paulist Press, 1983.

MATTEONI, Francesca. *Blood Beliefs in Early Modern Europe*. Tese de Doutorado, Universidade de Hertfordshire, 2009. 247 p. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/1640372.pdf>>. Acesso em: 02 março 2015.

MCCRACKEN, Peggy. *The Curse of Eve, the Wound of the Hero: Blood, Gender, and Medieval Literature*. The Middle Ages Series. University of Pennsylvania Press, 2003.

MOLLENAUER, Lynn Wood. *Strange Revelations: Magic, Poison, and Sacrilege in Louis XIV's France*. The Pennsylvania State University Press, 2006.

NEYRA, Andrea Vanina. La magia erótica en el Corrector sive medicus de Burchard von Worms. *Revista Brathair*, v. 10, n. 1, 2010, p. 83-99.

NILSSON, Martin. *Greek Popular Religion*. New York: Columbia University Press, 1940.

POMATA, Gianna. Menstruating Men: Similarity and Difference of the Sexes in Early Modern Medicine. In: FINUCCI, Valeria; BROWNLEE, Kevin (Eds.). *Generation and Degeneration: Tropes of Reproduction in Literature and History from Antiquity to Early Modern Europe*. Durham and London: Duke University Press, 2001, p. 109-152.

RAMALHO, Emmanuel. Magia sexual de Aleister Crowley: interfaces entre a Ars Erótica e a Scientia Sexualis. *Último Andar*, n. 28, 2016, p. 237-251.

REZENDE, Joffre Marcondes de. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

RUGGIERO, Guido. *Binding Passions: Tales of Magic, Marriage, and Power at the end of the Renaissance*. Oxford University Press, 1993.

RYAN, William Francis. *The Bathhouse at Midnight – An Historical Survey of Magic and Divination in Russia*. The Pennsylvania State University Press, 1999.

SAUNDERS, Corinne J. *Magic and the Supernatural in Medieval English Romance*. Boydell & Brewer, 2010.

STENSVOLD, Anne. *A History of Pregnancy in Christianity – From Original Sin to Contemporary Abortion Debates*. New York: Routledge, 2015.

VAN GENT, Jacqueline. *Magic, Body and the Self in Eighteenth-Century Sweden*. Leiden: Koninklijke Brill, 2009.

WILKIE, Laurie A. Magical Passions: Sexuality and African-American Archaeology. In:

SCHMIDT, Robert; VOSS, Barbara (Eds.). *Archaeologies of Sexuality*. Routledge, 2000, p. 129-142.

YAPIJAKIS, Christos. Hippocrates of Kos, the Father of Clinical Medicine, and Asclepiades of Bithynia, the Father of Molecular Medicine. *In Vivo – International Journal of Experimental and Clinical Pathophysiology and Drug Research*, 23, 2009, p. 507-514.

ZADOKS, Jan. *Crop Protection in Medieval Agriculture – Studies in Pre-Modern Organic Agriculture*. Leiden: Sidestone Press, 2013.

Recebido em: 20/06/2017

Aprovado em: 14/08/2017